

20 JAN 2000

BC comemora a volta da confiança

A colocação de US\$ 1,77 bilhão de títulos é motivo de festa. Mas o Banco Central não mudou o juro básico, que fica em 19%

O Banco Central (BC) vendeu ontem US\$ 1 bilhão em títulos brasileiros no mercado americano, o chamado mercado global. Com a venda, o BC comemora a captação, nas três primeiras semanas de janeiro, de 46% do total necessário para que o País possa rolar todas as obrigações do setor público que vencem

este ano.

Segundo o diretor para Assuntos Internacionais do Banco Central, Daniel Gleizer, o Brasil vai precisar de US\$ 3,85 bilhões para saldar as dívidas com vencimento em 2000. Com as operações de janeiro já obteve US\$ 1,77 bilhão. Na semana passada foram captados 750 milhões em euros. Fal-

tam, para os próximos onze meses, US\$ 2,08 bilhões.

Os títulos vendidos ontem, denominados em dólar, têm prazo de 20 anos. Cada título foi vendido, em média, a US\$ 963,94, sendo que o valor de face, impresso no papel, é de US\$ 1 mil. O spread da negociação ficou em 650 pontos base acima do título do tesouro

americano de prazo equivalente e o cupom foi de 12,75% ao ano, resultando numa taxa de retorno para o investidor de 13,27% ao ano. Os recursos da operação chegam ao País na próxima quarta-feira.

Gleizer comentou, com satisfação, a mudança do perfil dos investidores em papéis brasileiros. Desta vez, os títulos

foram comprados por muitos investidores novos, que não têm tradição em investir em mercados emergentes, incluindo empresas de seguros e até duas universidades. Este tipo de investidor, normalmente, compra o papel para guardar na carteira. E comprar um título que vai ser pago daqui a 20 anos demonstra, para Gleizer, confiança no mercado brasileiro.

O sinal de que o País está conseguindo mudar a sua imagem no exterior, segundo o diretor, pode ser traduzida pelo spread das operações, que vem caindo de uma emissão para outra. "Nosso spread tem caído mais rápido do que o de outros países", constatou.

O Comitê de Política Monetária (Copom), cauteloso, manteve pela quinta vez a taxa de juro básico (Selic) em 19%, sem viés (sem indicador de alta ou de baixa), valendo até 16 de fevereiro. A taxa está neste patamar desde setembro. Antes da decisão oficial, o mercado financeiro já apostava na manutenção da cifra. "Não vai ter maior impacto, porque o consenso do mercado é este", analisou Carlos Kaval, consultor do Citibank.

MARIANA PRZYTAK

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA